



SEÇÃO TEMÁTICA

A importância da disciplina “projetos de pesquisa em ciência da religião” iniciada por José J. Queiroz

The importance of the course “Research Projects In The Study Of Religion” inaugurated by José J. Queiroz

Frank Usarski*

Resumo: Mestrandas e mestrandos em Ciência da Religião da PUC-SP devem cursar, no primeiro semestre, o curso “Projetos de Pesquisa em Ciência da Religião”. Essa disciplina obrigatória foi institucionalizada pelo professor José J. Queiroz e é, desde então, um item importante do currículo do respectivo Programa. O presente ensaio aprecia esse legado à luz de teoremas epistemológicos de Alfred Schütz que salientam a importância da matéria para a formação de novas gerações de cientistas da religião.

Palavras-chave: Projeto de pesquisa; Ciência da Religião; Formação acadêmica; José J. Queiroz; Alfred Schütz.

Abstract: Master's students in the Study of Religion at PUC-SP must take the course “Research Projects in Religious Studies” in the first semester. This mandatory discipline was institutionalized by Professor José J. Queiroz and has been, since then, an important item of the program's curriculum. This essay appreciates this legacy in the light of Alfred Schütz's epistemological theorems, which underscore the importance of the subject for the training of new generations in the field of the academic study of religion.

Keywords: Research project; Study of Religion; Academic training; José J. Queiroz; Alfred Schütz.

* Livre docente em Ciência da Religião pela PUC-SP. Professor no PPG em Ciência da Religião da PUC-SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9926-2331>

Introdução

Qualquer instituição digna do ensino superior tem implementado, no seu currículo, atividades letivas acerca de problemas epistemológicos e suas implicações técnicas relevantes para sua área acadêmica. Não surpreende, portanto, que desde sua fundação, em 1978, o programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP tem oferecido no primeiro semestre para mestrandos a disciplina obrigatória “Projetos de Pesquisa em Ciência da Religião”.

Durante décadas, o responsável por essa matéria foi o professor José J. Queiroz, que ensinou ao corpo discente como organizar seus projetos em dez itens. A jocosa nomenclatura “os dez mandamentos” da proposta de Queiroz indica que essa estrutura se tornou uma espécie de lei em nosso programa, sem restringir a liberdade, de as/os professoras/es que assumiram a disciplina depois da aposentadoria de Queiroz, de acrescentar um ou outro tópico ao conjunto décuplo original. Um pequeno manual que orienta a elaboração de um projeto, publicado em 2023 em homenagem ao professor Queiroz (Stern; Usarski, 2023), aborda os seguintes princípios estruturantes: Tema do projeto; título; estado da questão; justificativa; objeto; problema; quadro teórico; hipótese; objetivos; metodologia; cronograma; referências bibliográficas.

Este sucinto ensaio não pretende discutir cada item dessa lista. Em vez disso, o espaço limitado será utilizado para apreciar o valor da disciplina no contexto de formação de novas gerações de cientistas da religião. O respectivo raciocínio é organizado em três passos.

A reflexão se inicia com algumas observações na sala de aula referente à situação das/os recém-chegadas/os mestrandas e mestrandos no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP. O parágrafo seguinte dedica-se a uma síntese de argumentos de Alfred Schütz sobre a diferença categorial entre o pensamento cotidiano e as operações científicas, e deixará claro que a descrita “mentalidade” das/os alunas/os iniciantes não é algo peculiar, mas é sintomática para qualquer ambiente universitário.

Nessa base, o ensaio avança para uma apreciação da disciplina “Projetos de Pesquisa em Ciência da Religião” do ponto de vista da sua funcionalidade didática no processo de socialização acadêmica.

A religiosidade pessoal como desafio acadêmico

É sintomático que uma das primeiras matérias que os recém-aprovados mestrandas/os têm que cursar é a disciplina “Projetos em Ciência da Religião”. Uma carreira acadêmica não se inicia a partir de convicções subjetivas, valores pessoais e maneiras de organizar a vida privada de acordo com interesses pragmáticos.

Isso vale para qualquer ciência humana, mas se torna ainda mais urgente no âmbito da nossa disciplina. Vale lembrar que a ciência da religião é um campo de estudo empírico que analisa os bens culturais originados das convicções religiosas de indivíduos ou comunidades (Hutter, 2000, p. 118). Isso implica uma delimitação do objeto de estudo a fenômenos observáveis.

Baseada em fatos empíricos, a ciência da religião busca reconstruir sistematicamente os *discursos sobre* o "divino", abstraindo da questão se esta dimensão metafísica realmente existe ou não. Esse princípio é um dos pilares da identidade disciplinar, conhecido como "agnosticismo metodológico", que exige que o pesquisador controle suas próprias convicções religiosas e se abstenha de fazer afirmações de fé enquanto atua como cientista da religião.

A experiência na sala de aula indica que essa perspectiva disciplinada surpreende as/os recém-matriculadas/os, que, em sua maioria, professa uma determinada religião. Fora da academia, as crenças e práticas dessas/es alunas/os cumprem funções antropológicas existenciais e fornecem a sensação de proteção por uma força maior (Cherniak; Mikulincer; Shaver; Granqvist, 2021).

As respectivas convicções e suas consequências comportamentais são constituintes da personalidade (Saroglou, 2015) e moldam as posturas e ações do sujeito. A emoção vinculada a uma crença religiosa pode interferir ainda mais na dinâmica de aprendizagem devido à diversidade de orientações religiosas privadas presentes no grupo. Enquanto um curso de teologia se caracteriza por uma homogeneidade no que diz respeito da fé dos discentes, um programa de pós-graduação em ciência da religião atrai estudantes de diferentes crenças e diferentes graus de compromisso com uma tradição espiritual. Nesse sentido há não apenas uma tensão entre a religiosidade subjetiva de cada estudante e o tratamento científico das religiões pelas/os professoras/es, mas também entre as/os alunas/os devido a divergentes preferências espirituais.

O impacto didático dessa constelação varia de acordo com as biografias das/os estudantes e da composição da turma. Geralmente trata-se de um clima subjacente que se torna concreto apenas em determinados momentos, por exemplo em conversas particulares entre orientador/a e orientanda/o ou, até mesmo, por meio de discordâncias explícitas entre alunas/os sobre questões existenciais. Em todo caso, a discrepância entre a cosmovisão privada e a reconstrução científica do nosso campo de estudo necessita atenção do ponto de vista da introdução ao ambiente universitário. A disciplina “Projetos em Ciência da Religião” é um instrumento chave neste sentido.

A tensão entre a “atitude natural” e “atitude teórica” segundo Alfred Schütz

A sociologia fenomenológica na tradição de Alfred Schütz (1899-1959), sobretudo o conceito das *múltiplas realidades*, fornece uma referência útil para entender melhor as implicações da situação esboçada no primeiro parágrafo. Schütz apresenta as respectivas ideias no contexto da sua investigação fenomenológica da consciência assumida pelo ser humano enquanto ele habita o chamado *mundo da vida*. Esta esfera existencial é o lugar da atuação do indivíduo em estado de alerta diante das tarefas e demandas diárias. Isso implica que *mundo da vida* não é um objeto de reflexão, mas sim da “dominação” guiado por “um interesse eminentemente prático, causado pela necessidade de cumprir os requisitos básicos da nossa vida” (Schütz, 2019). Agindo no *mundo da vida*, o indivíduo assume a chamada *atitude natural*, um conceito apresentado pelo fundador da

fenomenologia, Edmund Husserl, que Schütz incorporou na sua sociologia. Trata-se de uma postura que

diz respeito ao modo irrefletido como nós nos relacionamos com o mundo à nossa volta. Cremos na realidade exterior e confiamos que nosso olhar capta uma realidade que existe por si mesma. Neste processo, as possibilidades e limites que o sujeito tem ao conhecer não se apresentam enquanto objeto de reflexão crítica. (Gemino, 2015, p. 110).

Quem assume uma atitude natural coloca qualquer dúvida sobre a adequação da percepção de fatos entre parênteses (*epoché*) e trata o mundo como “certo”, que não necessita nenhuma explicação. Uma das características-chave da atitude natural é sua coletividade. Isso significa do ponto de vista de cada interlocutor em um contexto cultural:

Aceito como simplesmente dado que nesse meu mundo também existam outros seres humanos, e que eles existam não apenas corporalmente como outros objetos, nem somente entre esses objetos, mas como dotados de uma consciência que, em essência, é igual a minha. Assim, desde o princípio, meu mundo da vida e não meu mundo privado, mas algo intersubjetivo; a estrutura fundamental da sua realidade é comum a nós. (Schütz; Luckmann, 2023, p. 20).

Sob essas condições, o indivíduo resolve as exigências cotidianas mediante a aplicação rotineira de um estoque de conhecimento adquirido durante seu percurso biográfico. Esse repertório consta, entre outros, em receitas de ação, opiniões, convicções, normas e valores de toda espécie que se manifestam em iniciativas pragmáticas, posições políticas e afirmações religiosas pessoais.

Enquanto o repertório de comportamentos bem-sucedidos no passado continua a se comprovar como “válido”, não há nenhum motivo para abandonar a atitude natural. Ela é apenas temporária e parcialmente suspensa quando o fluxo de ações é interrompido devido à falta ou à inadequação de um “algoritmo” até então tomado como garantido. Assim que um novo padrão de comportamento for acrescentado ao estoque de conhecimento, o *mundo da vida* retoma seu percurso “normal”.

Schütz afirma que o *mundo da vida* tem uma “densidade” particular. O cotidiano é a esfera que o indivíduo habita a maior parte do seu tempo. Uma vez que o sujeito o experimenta como “um mundo intersubjetivo comum de comunicação e ação social” (Schütz, 2019, p. 29), sua veracidade está sendo continuamente ratificada pelas ações e reações de interlocutores supostamente submetidos a mesma realidade.

A partir das considerações sobre o *mundo da vida*, Schütz elabora seu conceito de *múltiplas realidades* afirmando que, dependendo de mudanças dos estilos mentais, o sujeito passa por diferentes “zonas” subjetivas, cada uma com características específicas. Entre as esferas “extracotidianas”, encontram-se os mundos dos sonhos, da experiência religiosa, da arte, o lúdico, para nomear apenas alguns. De acordo com Schütz:

Todos esses mundos [...] são províncias finitas de significado. Isso significa que (a) todos eles têm um estilo cognitivo peculiar (embora não o do mundo de operar com a atitude natural); (b) todas as experiências dentro de cada um desses mundos são, com relação a esse estilo cognitivo, consistentes em si mesmas e compatíveis entre si (embora não sejam compatíveis com o significado da vida cotidiana); (c) cada uma

dessas províncias finitas de significado pode receber um acento específico da realidade (embora não seja o acento da realidade do mundo operacional). (Schütz, 2019, p. 29).

A zona “extracotidiana” mais sistematicamente contemplada por Alfred Schütz é a “província” da ciência. Como as outras, ela corresponde a um estilo mental típico, uma relação típica entre o sujeito e o mundo externo e uma configuração social particular. Segundo Schütz, uma operação intelectual científica ocorre na *atitude teórica*. Trata-se de uma “suspensão” (*epoché*) específica que é, em certo sentido, oposta à do cotidiano.

Enquanto na atitude natural o indivíduo é norteado por ambições pragmáticas e trata a realidade como facticidade, o pensamento científico é norteado por um interesse intelectual considerando qualquer aspecto observado em princípio carente de uma explicação. Em outras palavras: o cientista não age mais no interior do *mundo da vida* “interessado no resultado de suas ações, esperando ou temendo as consequências desses atos”. Em vez disso, observa os dados e ocorrências no campo da sua pesquisa “com o mesmo distanciamento com o qual o cientista natural observa as ocorrências em seu laboratório”. (Schütz, s. a., p. 30) Isso quer dizer:

O cientista questiona os aspectos evidentes da vida quotidiana, não se limita a aceitar os fenômenos tal como aparecem, mas submete-os a uma dúvida sistemática. Interessa-se por fatos e contextos objetivos e, por conseguinte, coloca entre parêntesis a sua subjetividade [...] e o seu sistema de relevância pragmática baseado na vida quotidiana; assim, traz apenas uma parte da sua personalidade para o seu trabalho e assume o papel de um observador desinteressado em intervir nos acontecimentos sob investigação. Assim, concentra-se unicamente na análise de um problema científico nos seus horizontes internos e externos, baseando-se nos seus conhecimentos teóricos e procedendo de acordo com as regras da metodologia científica. (Eberle, 1984, p. 58).

Enquanto a/o pesquisador/a desempenha seu papel no campo da ciência, “seus motivos não estão entrelaçados com os motivos da pessoa ou pessoas observadas” (Schütz, s. a., p. 21). Em vez disso, ele/a se apropria do conhecimento considerado válido pelos membros da sua comunidade científica, inclusive “as regras dos procedimentos que resistiram às provas, a saber, os métodos de sua ciência, incluindo-se os métodos de formar constructos de uma maneira cientificamente relevante” (Schütz, s.a., p. 33). Nesse contexto, cada integrante do grupo acadêmico se orienta na hierarquia da relevância estabelecida pelo status quo da disciplina. Aceita, portanto,

o que é considerado por seus colegas [...] como conhecimento estabelecido ou “demonstrar” porque ele não pode aceitar isso. É apenas dentro dessa referência que ele pode selecionar seu problema científico específico e fazer suas decisões científicas. Essa referência constitui o seu “estar em uma situação científica” que se sobrepõe a sua situação biográfica como um ser humano dentro do mundo. (Schütz, s. a., p. 31).

Vale salientar que diferentemente da província do sono, que se impõe naturalmente sobre o indivíduo quando este está cansado, a atitude teórica é assumida deliberadamente. Ela depende da decisão e dos esforços do indivíduo de abandonar sua identificação com o *mundo da vida*. Para gerar essa posição “artificial”, o sujeito tem que adquirir mecanismos que promovam está mudança do estilo mental.

A disciplina “projetos de pesquisa em ciência da religião” à luz dos conceitos de Alfred Schütz

A elaboração de um projeto no decorrer da disciplina institucionalizada pelo professor José J. Queiroz confronta a/o estudante do primeiro semestre com as exigências epistemológicas e habilidades metodológicas convencionais na área da ciência da religião. Cada um dos itens estruturantes tem uma função específica e contribui para a inserção das/dos candidatas na área acadêmica em que são matriculadas/os. Do ponto de vista da abordagem de Alfred Schütz, cinco destes tópicos se destacam. Trata-se do “estado da arte”, da “justificativa”, do “problema da pesquisa”, do “quadro teórico” e da “metodologia”.

O levantamento do “estado da arte” é um dos primeiros passos de um trabalho acadêmico devido ao fato de que qualquer ciência é um empreendimento grupal. O conhecimento produzido em conjunto pelos integrantes da respectiva comunidade científica define o *status quo* cognitivo de uma disciplina e representa o ponto de partida para novos projetos com a finalidade de aprofundar ou expandir o estoque de saber acumulado até então. Segundo Alfred Schütz:

O cientista entra no mundo já constituído da contemplação científica, que lhe é dado pela tradição histórica da sua ciência. Daí ele vai participar de um universo de discurso que abrange os resultados obtidos por outros, os problemas colocados por outros, as soluções sugeridas por outros, os métodos trabalhados por outros. (Schütz, 1979, p. 257).

Por meio de uma busca bibliográfica de publicações de terceiros sobre o assunto a ser abordado pelo projeto, a/o candidata/o torna-se consciente da situação atual de pesquisa e se familiariza com as tendências atuais e os principais resultados da investigação coletiva em andamento. Esse panorama permite também a identificação de carências no estoque de conhecimento da comunidade. Tais faltas são de suma importância para a justificativa do projeto. Quanto mais a/o mestranda/o é capaz de antecipar em que sentido seu próprio trabalho contribuirá para o preenchimento de uma determinada lacuna, mais promissora parece sua própria obra (ainda embrionária) do ponto de vista da disciplina.

Segundo Alfred Schütz, a noção de uma discrepância entre um conteúdo que faz parte do estoque de saber e algo ainda desconhecido gera uma busca em prol da superação dessa tensão cognitiva na medida em que a expansão do repertório é considerada relevante para os sujeitos envolvidos. Isso vale tanto para o *mundo da vida* quanto para o campo da ciência.

Cada uma das duas “camadas”, porém, possui uma “estrutura de relevância” específica dependente do tipo do “interesse” que domina a respectiva esfera e define quais e em que sentido determinados elementos aparecem como desafios para o/a ator/a. No ambiente cotidiano pragmático, com suas “ocupações efetivas dentro de um mundo social” (Pereira dos Santos; Verissimo, 2022, p. 120), o sujeito experimenta itens e ocorrências como problemáticos quando eles dificultam ou impedem a realização rotineira de um objetivo vital.

A situação é diferente no ambiente científico. A/o pesquisador/a põe sua “subjetividade [...] entre semelhantes, inclusive sua experiência corporal enquanto ser humano psicofísico” (Schütz, 1979, p. 256) entre parênteses e abandona “o sistema de relevâncias existente na esfera prática” (Schütz, 1979, p. 255). Nesse estágio de consciência, ela/e está meramente motivada/o pela “obtenção de conhecimento através de sua observação”. Em outras palavras: “O teorizar científico não serve a nenhum propósito prático. Seu objetivo não é dominar o mundo, mas observá-lo e, se possível, compreendê-lo.” (Schütz, 1979, p. 254).

Esse ato de compreensão é direcionado pelo *status quo* da disciplina da/o pesquisador/a. O referencial da sua intelectualização é o conhecimento disponível para “o corpus de sua ciência”, ou seja, um estoque de saber “bem diferente daquele que o homem tem disponível em sua vida cotidiana” (Schütz, s. a., p. 32-33).

O problema abordado por um projeto, portanto, não é selecionado devido a um motivo existencial da/do autor, mas de acordo com o interesse na sua solução por parte da comunidade acadêmica em função do progresso cognitivo coletivo. Isso significa que “qualquer problema que surja dentro do campo científico tem de compartilhar o estilo universal desse campo e tem de ser compatível com os problemas já constituídos e sua solução, quer aceitando-os, quer recusando-os” (Schütz, 1979, p. 258).

Para que este trabalho não seja descaracterizado como uma espécie de jornalismo (Przyborski; Wohlrab-Sahr, 2021, p. 13), mas assuma o caráter de uma análise digna da comunidade acadêmica, a/o estudante é obrigada/o a elaborar um quadro teórico que guiará seus esforços de revelar as implicações do segmento do objeto que é definido como intelectualmente problemático.

A opção a favor de conceitos uteis para a solução do problema se orienta nos axiomas constitutivos da ciência da religião. Autores identificados com nossa disciplina formulam questões que estão de acordo com o caráter empírico da disciplina e o princípio do “agnosticismo metodológico”.

Isso significa que as/os pesquisadores/as não participam de especulações emotivas sobre aspectos de uma fé religiosa e de defesa das suas consequências práticas. Em vez disso, querem estudar, de maneira “desapaixonada” (Maishanu, 2018, p. 1) como os dogmas e normas de uma determinada tradição espiritual (inclusive daquelas professadas nas suas vidas privadas) são sistematicamente interligados, em que momentos e contextos históricos eles foram formulados e modificados, quais efeitos econômicos e políticos eles têm e em que sentido estes elementos convergem ou divergem com os de outras correntes religiosas. São problematizações como essas que o cientista da religião alemão Rainer Flasche tem em mente quando afirma que:

O cientista da religião é sempre um observador, não um *insider*, ou seja, ele não faz parte do respectivo evento religioso, mas o enxerga apenas de fora. Qualquer ciência da religião que afirme ser possível trabalhar adequadamente no contexto da disciplina apenas quando [o cientista] se engajar pessoalmente nos processos religiosos em questão, ou se identificar com tais processos, perderia seu caráter científico (Flasche, 2008, p. 59).

Nesse sentido, uma comunidade do budismo tibetano em São Paulo, por exemplo, cujos membros são convictos de que um jovem entre eles é a reencarnação de um

grande mestre que merece veneração especial chama atenção da ciência da religião não para falsificar ou comprovar a veracidade desta crença. É apenas interessante pela repercussão da *fé* reencarnacionista na respectiva comunidade segundo o “teorema de Thomas”, que afirma que a consideração de algo como “real” tem consequências reais (Thomas, 1928, p. 572).

Respeitando a fé dos praticantes, uma questão academicamente legítima poder-se-ia referir ao efeito sociológico da suposta presença de um representante reencarnado sobre a hierarquia e coesão interna do grupo. Aqui, o conceito de carisma (na tradição de Max Weber e seus aprofundamentos e acréscimos mais recentes) serviria como quadro argumentativo compatível com o etos da ciência da religião e pode ser aplicado independentemente da opinião pessoal da/o pesquisador/a sobre a “autenticidade” ou não da suposta reencarnação.

O exemplo aponta para o princípio metodológico de que a/o cientista da religião – bem como qualquer outra/o pesquisador/a na área de ciências sociais – “observa os padrões de interação humana ou seus resultados desde que eles estejam acessíveis a sua observação e abertos a sua interpretação” (Schütz, s. a., p. 33). Para Alfred Schütz, no que diz respeito ao *ato* de observação, não há diferenças entre o *mundo da vida* e a esfera científica.

Todo o nosso conhecimento do mundo, no senso-comum assim como no pensamento científico, envolve constructos, isto é, um conjunto de abstrações, generalizações, formalizações, idealizações específicas ao respectivo nível de organização do pensamento. Falando claramente, não existe simplesmente uma coisa chamada “fatos”. Todos os fatos são desde o início fatos selecionados de um contexto universal pelas atividades da nossa mente. Eles são, portanto, sempre fatos interpretados, sejam fatos observados como deslocados de seus contextos pela adoção de abstrações ou fatos considerados em seu contexto particular. Nos dois casos, eles carregam seus horizontes interpretados internos e externos. Isso não quer dizer que, no cotidiano e na ciência, somos incapazes de apreender a realidade do mundo. Só quer dizer que apreendemos apenas certos aspectos da realidade, principalmente aquelas que são relevantes para nós, seja por serem úteis para nossa sobrevivência ou por corresponderem a um conjunto regras aceitas para o procedimento do pensar que chamamos de método da ciência. (Schütz, s. a., p. 3).

A especificidade da observação científica reside na unilateralidade do processo em caso da observação científica, bem como na ausência de ambições práticas por parte do observador. Enquanto o fluxo de interação no *mundo da vida* depende da “leitura” mútua dos gestos e palavras pragmaticamente intencionais dos parceiros de comunicação envolvidos, a/o pesquisador desvincula-se da dinâmica social imediata, registra as expressões vitais dos seus sujeitos de um ponto de vista distanciado e as interpreta de acordo com sua perspectiva teórica. Isso significa que a/o pesquisador/a “procede de maneira similar ao observador [...] no mundo da vida cotidiana”, porém é guiada/o “por um sistema de relevâncias inteiramente diferente.” (Schütz, 1979, p. 273)

Quanto aos resultados da observação nas duas esferas, Schütz diferencia entre “constructos de primeiro grau” (cotidiano) e “constructos de segundo grau” (ciência), ou seja, “constructos dos construtos feitos pelos atores no cenário social, cujo comportamento o cientista social tem de observar e explicar de acordo com as regras de procedimento da sua ciência” (Schütz, 1979, p. 269).

Isso implica que as ciências sociais, inclusive a ciência da religião, têm que privilegiar métodos que dão conta das práticas cotidianas dos seres humanos e seus respectivos significados. Não se trata, portanto, de um mero registro das atividades observadas. “Em vez disso, precisamos descobrir algo sobre as construções e orientações implícitas ou sobre os esquemas subjacentes em que a ação está inserida” (Przyborski; Wohlrab-Sahr, 2021, p. 15).

Essa programática empírica exige do pesquisador uma sensibilidade metodológica para o risco de uma discrepância desmaiada entre os constructos do primeiro e os do segundo grau. Esse é o “postulado de adequação”, formulado por Alfred Schütz de seguinte maneira:

[O] modelo científico da ação humana deve ser construído de tal maneira que o ato humano executado no mundo da vida por um ator individual [...] será compreensível para o próprio ator assim como para seus parceiros em termos da interpretação de senso-comum do cotidiano. O atendimento a esse postulado garante a consistência dos constructos do cientista social em relação aos constructos da experiência de senso-comum da realidade social. (Schütz, s. a., p. 36).

Autores da área da ciência da religião reconhecem a pertinência da exigência de Schütz, mas a entendem como um tipo ideal relativizada pela pesquisa concreta. Por isso, Hutter afirma “que a descrição de uma religião [...] deve fazer com que suas articulações teológicas sejam ouvidas [...] para que a descrição não leve a uma imagem distorcida, mas também faça justiça à autocompreensão da religião” (Hutter, 2000, p. 125).

Ao mesmo tempo, porém, há um consenso de que a imagem de uma religião construída de acordo com o agnosticismo metodológico cria muitas vezes uma tensão com a autocompreensão dos seus seguidores (Pye, 2017, p. 172). Nesse sentido, Hock alerta:

Por mais que a Ciência da Religião deva procurar se sintonizar com a autocompreensão dos membros de uma comunidade religiosa analisada, “a partir de dentro”, ela precisa se esforçar claramente para uma distinção estrita entre diferentes níveis: entre autodescrição e apresentação, entre “sentenças de fé” e a citação dessas sentenças de fé, entre discurso religioso e discurso científico. (Hock, 2010, p. 38).

Conclusão

Todas/os as/os integrantes do corpo docente do programa de pós-graduação em ciência da religião da PUC-SP estão conscientes da importância da matéria “Projetos de Pesquisa em Ciência da Religião”. Em cada semestre, a funcionalidade dessa oferta letiva torna-se evidente já nas primeiras semanas e confirma sua significância para o progresso de alunas/os recém-matriculadas/os. Uma leitura da disciplina à luz de reflexões epistemológicas de Alfred Schütz revela as razões da satisfação com a matéria e confirma nossa gratidão ao colega José J. Queiroz, cuja iniciativa pioneira repercute até hoje na rotina acadêmica do nosso colegiado.

Referências

CHERNIAK, A. D.; MIKULINCER, M.; SHAVER, P. R.; GRANQVIST, P. Attachment theory and religion. *Current Opinion in Psychology*, 40, p. 126-130, 2021.

EBERLE, T. S. *Sinnkonstitution in Alltag und Wissenschaft: der Beitrag der Phänomenologie an die Methodologie der Sozialwissenschaften*. Bern: P. Haupt, 1984.

FLASCHE, R. *Religionswissenschaft-Treiben. Versuch einer Grundlegung der Religionswissenschaft*. Berlin: Lit Verlag, 2008.

GEMINO, A. D. M. Considerações sobre a distinção entre atitude natural e atitude fenomenológica na fenomenologia de Husserl. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 5, n. 1, p. 108-118, 2015.

HOCK, K. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MAISHANU, I. M. On the Origins and Definitions of Comparative Method in the Study of Religion. *DEGEL: The Journal of the Faculty of Arts and Islamic Studies*, 16, n. December, p. 1-12, 2018.

PEREIRA DOS SANTOS, H.; VERISSIMO, D. S. Relevância nas fenomenologias de Gurwitsch e Schütz: contornos de um problema. *Phenomenological Studies, Revista da Abordagem Gestáltica*, 28, n. 1, p. 115-127, 2022.

PRZYBORSKI, A.; WOHLRAB-SAHR, M. *Qualitative Sozialforschung: Ein Arbeitsbuch*. München: De Gruyter Oldenbourg, 2021.

PYE, M. Integração metodológica na Ciência da Religião. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 17, n. 2, p. 162-178, 2017.

SAROGLOU, V. Personality and Religion. In: WRIGHT, J. D. (Ed.). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. Oxford: Elsevier, 2015. p. 801-808.

SCHÜTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHÜTZ, A. Sobre múltiplas realidades. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 18, n. 52, p. 13-47, 2019.

SCHÜTZ, A. *Senso-comum e a interpretação científica da ação humana*, s.a. Disponível em: https://cienciassociaisunifesp.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/07/alfred_schutz_senso_comum.pdf.

STERN, F.; USARSKI, F. *Pequeno manual de pesquisa em ciências humanas: projetos de pesquisa e de intervenção com exemplos de estudos da religião*. São Paulo: Recriar, 2023.

THOMAS, W. I.; THOMAS, D. S. *The child in America*. Oxford: Alfred A. Knopf, 1928.

Recebido em: 11/12/2025

Aprovado em: 13/01/2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Eulálio Avelino Pereira Figueira.